

Delineando questões

Os últimos momentos do debate eleitoral deste ano testemunharam o reaparecimento de temas que, de uma maneira ou de outra, se atrelam ao universo do religioso. Foi possível ver uma apresentação, altamente midiática, a respeito das posições a respeito do aborto de ambos os candidatos, bem como a peregrinação de lideranças políticas pelas mais variadas igrejas e denominações.

Isso reforça, de saída, a incômoda presença do religioso como força política. Claro que se pode questionar, de saída, quais os limites e fronteiras entre o religioso e o político. Existem essas fronteiras? Viu-se a extrapolação midiática de questões de fôro íntimo ou se trata de uma questão de governo e saúde pública? Mais ainda, em que medida uma crença pessoal do governante pode alterar a agenda política?

Ainda que a maior parte dessas perguntas não encontre respostas, elas mostram a presença dos fenômenos religiosos como parte importante – ainda que essa importância possa ter sido inflada em certa medida – dos debates políticos nacionais e, talvez como um sintoma, presentes no cotidiano.

Os espaços de pertinência da religião no debate político destas eleições novamente mostraram que as relações entre fé e voto são importantes para políticos de vários matizes do espectro ideológico, e novamente permite a reflexão a respeito da influência de elementos de caráter religioso em um Estado laico – uma pergunta sem resposta a respeito das fronteiras de uma representação democrática no encontro com a interferência, no espaço secular, de posturas religiosas.

Em sua nova edição, a *Revista Nures* mantém o compromisso interdisciplinar que mantém desde o primeiro número. A discussão se estende no pluralismo costumeiro, transitando pelas áreas do conhecimento necessárias para se compreender melhor os caminhos do religioso na sociedade. Mais do que apresentando respostas, delineando questões.

